

Florianopolis

Santa Catharina

JANEIRO

MCMXXI

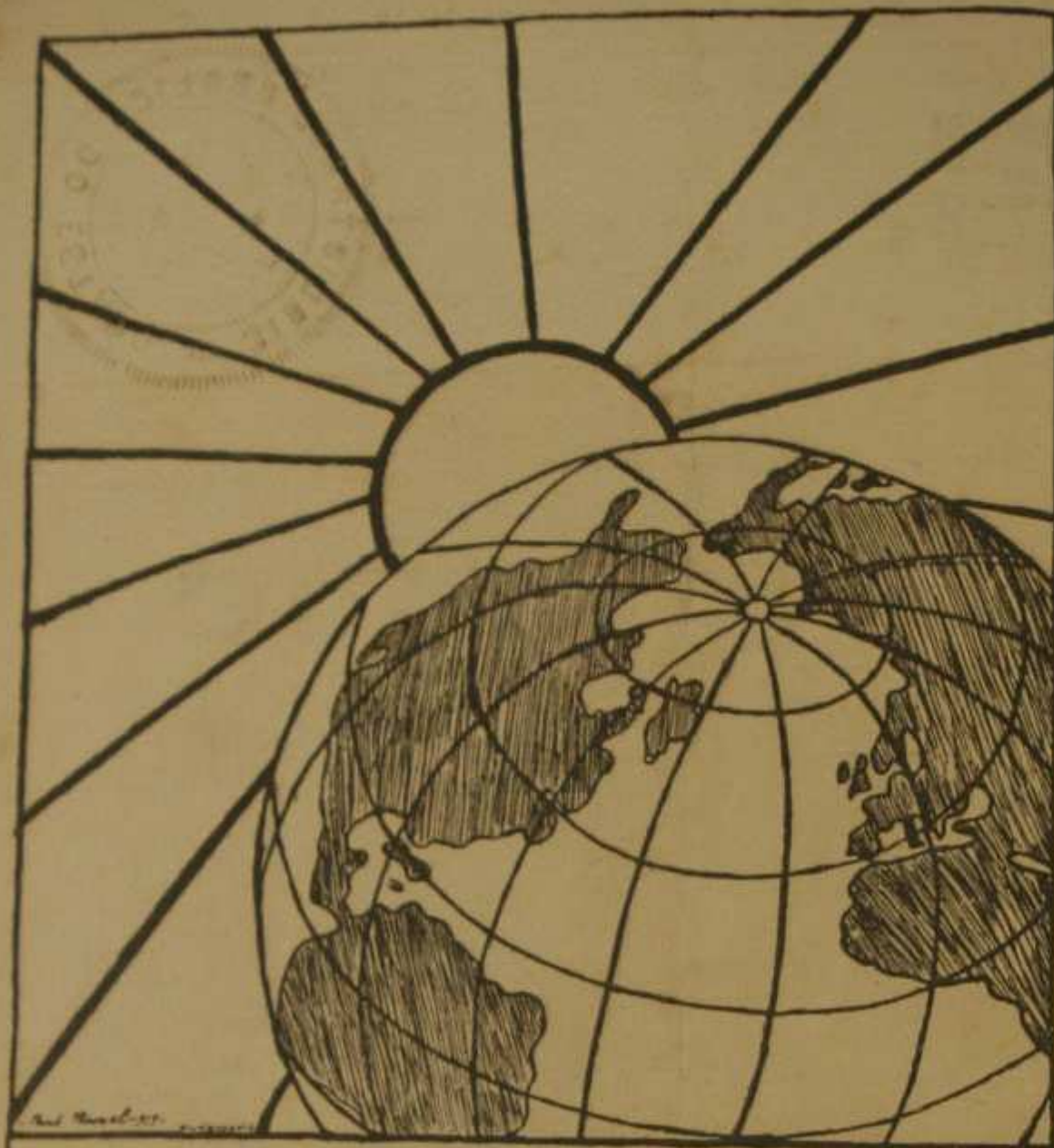
TERRA

ANNO I

NUMERO 22

— Revista semanal —





Publicada sob a direcção e responsabilidade de

Othon d'Eça

Altino Flores

Ivo d'Aquino

Secretario:

Oowaldo Mello

—«0»—

Toda e qualquer correspondência deve ser endereçada á:

REDACÇÃO DA

Terra

Rua Visconde de
Ouro Preto N. 1

—«0»—

Officinas graphicas

DA

“**Republica,**”

Rua João Pinto
n. 16

◆ **Terra** ◆

Acceptamos collaboração de qualquer parte do Estado e de fóra, desde que não seja longa, nem escripta em orthographia phonetica.

Das correspondencias dos municipios, que nos quiserem enviar, reservamos o direito de aproveita-las no que acharmos interessante.

Publicaremos reclamações em cartas, desde que sejam breves, assignadas e em termos convenientes.

Não temos «Secção Livre».

Assignaturas

Anno	10\$000
Semestre	6\$000
Numero Avulso	300

ANNUNCIOS

	1 pagina	1/2 pagina	1/4 de pagina
12 vezes	480\$000	250\$000	145\$000
8 .	325\$000	176\$000	90\$000
4 .	165\$000	90\$000	50\$000
2 .	85\$000	45\$000	25\$000



REVISTA SEMANAL CATHARINESE

Nacionalismo

Corre n'esta cidade uma publicação periodica, de veras interessante e acreditamos que a sua circulação já se estende até os confins do Brasil.

E' o—GIL BLAS.

Com este nome singularissimo, e ao que nos parece inteiramente casual ao imprevisto, o «Gil Blas» presta um serviço consideravel á consciencia da nossa febril nacionalidade.

Não tem politica militante ou de partido, mas entra nesse ambiente dos «imponderaveis» como é costume chamar aos influxos delicados e sensiveis que assignalam por vezes a physiognomia de uma epoca.

E' coisa razoavel e legitima que exista um orgão de reacção nacionalista numa terra em que a imprensa, como tudo o mais, é, em grande parte estrangeira e onde alguns estrangeiros de merito e respeitabilidade por imprudencia e criminoso descuido e por inadvertida incuria, se prestam a applaudir e a favorecer publicações anti-nacionais e pseudo-brasileiras.

No—Gil Blas—ha um grupo de rapazes destemidos, dispostos a combater essa incoherencia cosmopolita que ameaça a todo hora a independencia mo-

ral da patria.

O principio do advena é, em geral, o aphorismo immorallissimo e antigo de que—a patria é onde se esteja bem. Ao contrario, devemos affirmar que a patria é onde se está bem ou mal, e principalmente quando se está mal é que é mais vehemente o sentimento patriótico.

Contudo, o — Gil Blas — é uma folha de extremo radicalismo.

Em toda a parte existem os radicaes e os extremados, n'este sentido, são representativos de uma intensidade real de sentimento.

Cumpra-nos fazer a critica d'esse excesso, sem diminuir a razão de ser dessa forma explosiva do patriotismo.

E' possivel que os radicaes vejam perigos onde os não ha, e façam da illusão pessimista um fundamento de argucia.

Não applaudimos de todo a acção do—Gil Blas—sob certos aspectos que nos parecem antipathicos e até infantis pela insignificancia dos conceitos.

Dizer que o Brasil não deve aos portuguezes é uma barbaridade. Dizer que são elles os nossos inimigos, é outra

ainda maior.

Neqar a gloria de Pedro Alvares Cabral é uma infantilidade. Questionar sobre se Anchieta é portuguez ou basco e hespanhol, é outra de igual calibre.

E' possivel que a propaganda exija essa inquisição e esse auto-da fe de glorias e de serviços, de homens e de coisas.

Parece-nos excessiva e exagerada essa negação das origens, como se tivéssemos nascidos «ex-nihilo».

O Brasil é portuguez; e não é bom dizer que é infelizmente portuguez—por que seria contra nós, e, só com 1880 não teriamos auctoridade para affirmar a nossa personalidade propria.

O Brasil é portuguez, eis a verdade; o que não convem é que seja tão demasiado portuguez que desapareça n'um apregoado federalismo ou na união das duas nacionalidades lusitanas.

Convém «controlar» se assim podemos dizer o influxo da antiga metropole, não tanto no Brasil, mas exactamente no Rio de Janeiro onde numericamente os portuguezes fumam a quarta ou quinta parte de toda a população e economi-

O ARGUEIRO NO OLHO DO VIZINHO

O Gama d'Eça, agradecendo a um amigo as felicitações que lhe dava pe a sua formatura, accrescentou:

— Ah! se não fosse ter perdido um anno com a organização do meu livro «Cinza e Bruma», já estaria formado desde o anno passado.

O professor Altino Flores, que ouvira a conversa escreveu e mandou compôr a seguinte quadrinha para a «Terra»:

Se desas tua demora
Foi culpada a «Cinza e Bruma»
Não é Cinza e Bruma teu livro,
O teu livro é Cinza embruma.

O Gama d'Eça ao rever as provas lobrigou a quadrinha, não gostou da perversidade e, em represalia, escreveu a seguinte cantiga satyrico-ilhôa:

Ha flores que nos perfumam
Mas que nos ferem a mão;
Ha outras que ferem a gente
Com spinhos no coração.

As primeiras são as rosas,
As outras beijos d'amor;
Mas todas nos dão prazer,
Emquanto nos causam dôr.

Mas «flores» que nos suffocam
Com epigrammas de chofre,
Não são flores, nem de nome,
Só se são flores . . . de enxofre.

Vendo a discordia prestes a lavar-se dentro da redacção, o Ivo aconselhou então o Gama d'Eça a retirar a cantiga, mas este manteve-se duro:

— O Altino que retire a sua primeiro. Fico desmoralizado *si vou d'aqui no embrulho deste conselho.*

O tom dessa resposta não permitiu qualquer accordo durante o praso de quatro semanas. Eis ali o motivo porque «Terra» interrompeu a sua publicação.

A «Capital», com a intenção de depositar «rosas» sobre um tumulo, em pastellou a palavra e fez a offerenda de uma «rosca» em lugar de «rosas».

Quem amassou o pastel
Não fez o trabalho atôa,
Pois fazer «rosca» de «rosas»
E' afinal fazer corôa.

Duas senhoritas, contemplando o mar, trocavam impressões, junto á estatua do cel. Fernan do Machado.

— Gosto do mar bem calmo,

como um espelho, disse uma.

Eu adoro-o crespo, porque tem uma poesia sublime, disse a outra.

O poeta João Crespo, que passava na occasião, cumprimentou-a lisongeadamente.

Ao Haroldo

Se para ti o epigramma
E' sempre tarefa grata,
Como te chamas Callado
Tendo tal lingua de prata?

O bacharelado Edgard Pedreira, com uns sapatos «capazes de pisar Nosso Senhor», dançava animadamente um fox-trot no ultimo baile do Concor dia.

Obstruida a sala, foi fatal que uma senhorita lhe abalroasse o pé.

— Desculpe, exclamou num sorriso.

— Que mal pôde fazer um pé de anjo retorquiou galante o futuro advogado.

No dia seguinte, Mademoiselle não lhe respondeu ao cumprimento.

RABELAIS & CIA.

camente talvez mais da metade dos nossos recursos.

Entretanto esse influxo d'elles nem sempre é anti-nacional; mas basta-nos verificar que não é nacional.

Em muitas coisas têm sido os portuguezes autores, colaboradores e auxiliares inestimáveis.

Ha mais de um exemplo na propria historia da nossa independencia, e na abolição e em todas as coisas grandes que realizamos.

Em algumas eventualidades, o portuguez, que é tambem um jacobino de primeira classe, embaraça, perturba e atrapalha o curso das coisas.

Estaremos de sobre-aviso

contra qualquer impertinencia possível.

O chefe dos nacionalistas do — Gil Blas — o Sr. Conde Afonso Celso (chefe aliás muito pouco ouvido) não é um xenophogo, recommenda uma acção social de concordia facilitada pela selecção dos elementos adventicios e por uma melhor distribuição do elemento estrangeiro agglomerado no litteral.

Essa agglomeração, talvez inevitavel, é contraria aos nossos melhores interresses, e seria insuperavel se não refluissem para a orla maritima os elementos provinciaes de longo tempo internados, genuina-

mente brasileiros.

O nacionalismo foi o principio que inspirou Wilson depois da grande guerra na repartição do mundo, fazendo resurgir novas patrias, affogadas secularmente nas allianças ou nas injustiças da historia.

Os quatorze mandamentos de Wilson («le bon Dieu n'avait que dix» — na phrase de espirito de Clemenceau) foi burlado e com a sua complicitade. Nem a Austria se reuniu á Allemanha, nem a Italia deixou de ficar «irredenta» nem a Irlanda foi ouvida no seu tragico martyrio.

Comtudo o — nacionalismo — ganha importancia e tornou

Italia Fausta

Aos apreciadores da arte theatral deve ter causado satisfação a noticia da vinda da Companhia Italia Fausta, que nos dará seis espectaculos.

E' mui de ver que falamos em arte theatral, e não no rebutalho dos bastidores, que ás vezes nos fazem enguiar, a 4\$000 a cadeira, de involta com a brejeirice acanalhada da espuria poesia das revistas, lardeadas com o calão e o trocadilho grosseiro...

Felizmente a Empreza Moura compreheendeu que Florianopolis bem merece de vez em quando um serão de boa arte theatral e sabe applaudi-la, como já o tem feito com Maria Castro, Chaby Pinheiro, Eduardo Pereira e outros artistas serios que nos têm visitado.

E se estavamos convencidos que nos batiamos pela hygiene moral e limpeza dos costumes, quando

visgamos os lombos de audaciosos fargantes, que aqui pretenderam, diante da policia e de todo mundo, fazer da pornographia o padrão do theatro nacional — sentimos agora que o nosso protesto não foi vão e que enfim triumphou o bom senso no repudio á descompostura das peças theatraes inspiradas no bafio dos vicios, que se escomdem nos fundos dos lupanares e que a nossa condescendencia tolera, para vergonha nossa, que se despejem na ribalta de um theatro.

Mercê de Deus, porém, todos os chefes de familia e todos os que prezam o respeito a si proprios reclamaram o theatro são e limpo, onde houvesse moralidade e elevação de intuitos, através dos themas desenvolvidos no palco. E todos concordaram unanimes no brado de alerta que demos contra as revistas obscenas e as peças

acanalhadas.

E agrada-nos registrar que a Empreza Moura não foi infensa a esse protesto e correspondeu-o contractando companhias em que figuravam artistas serios e alguns delles notaveis no palco brasileiro.

Assim teremos agora a Companhia Italia Fausta, que, com o nome da grande tragica brasileira, é já de si a bastante garantia da sua recommendação e do seu exito.

Italia Fausta é actualmente o maior realce do theatro nacional. Nelle formou o seu espirito de artista insigne e delle é uma gloria, que a ambos pertence com merecida consagração.

E ao lado de Italia Fausta virá colaborar João Barbosa, professor da Escola Dramatica Nacional, que é um nome feito pela intelligencia e pelo estudo. Será um digno auxiliar de Italia Fausta e os dois a evidencia de que o theatro nacional vai multissimo além dos partapatões das revistas alinhavadas ás pressas, para aproveitar como titulo e thema a grosseria ou a trivialidade de um plebrismo qualquer.

Devemos, pois, auxiliar o esforço da Empreza Moura & C.º em nos proporcionar alguns serões da Companhia Italia Fausta, prestando uma homenagem á grande artista brasileira, o que é prestala, sem favor, á arte nacional.

Ella (prompta para o baile):
Então, como achas o meu vestido de baile?

O marido (fitando-a de alto a baixo):

Onde está elle?...

—(ooo)—

-- Quando eu era rapaz, o medico disse-me que se eu não deixasse de fumar ficaria sendo muito fraco do espirito.

—*D. Innocencia*, (distrahida)
Então porque não deixou?..



Wagne no papel de Christovam Colombo, um grande film que o PONTO CHIC passará na téla no começo da proxima semana.



Anniversarios

Edmundo da Luz Pinto



No dia 5 deste mês fez annos o sr. Edmundo da Luz Pinto, que daqui recebeu innumeradas felicitações de seus amigos e admiradores, que são multissimos.

Ao illustre homem de letras, que tem em nós grandes admiradores de seu talento de escôl e a quem a «Terra» já tem devido mais de uma vez sua collaboração, sempre estimada, enviamos um abraço ex-corde.

Augusto Lopes



A 4 do corrente passou o anniversario do sr. Augusto Lopes, director do brilhante ve-spertino, o «Estado».

Ao distincto jornalista que conta com bons e sinceros amigos na «Terra», felicitamos muito cordealmente.

A nossa alta magistratura

A nomeação do sr. Herculito Carneiro Ribeiro, que occupava o cargo de Juiz de Direito da 2ª. Vara da Capital, para Procurador Geral do Estado, foi um acto de merecida justiça á integridade e intelligencia do illustre magistrado.

Tendo chegado ha cerca de 17 annos para o nosso Estado, onde constituiu familia, advogou e foi director do Collegio Municipal da Laguna, deixando ali a lembrança do educador esmerado e culto, em uma geração de moços, que ainda hoje são seus admiradores sinceros e gratos.

Nomeado Juiz de Direito da Comarca de Joinville, onde esteve durante 11 annos, seus trabalhos como magistrado attestam a sua cultura e o seu amor ás letras juridicas, a par da rectidão no exercicio da judicatura.

«Terra» felicita-o cordealmente pela sua nova nomeação.

—(ooo)—

Concluiu o segundo anno do curso juridico, na Universidade do

Rio de Janeiro, o sr. Edmundo Moreira, que honrou á nova geração catharinense pelo brilho das provas que realzou.

E' com um abraço sincero que felicitamos ao joven intellectual.

—(ooo)—

Seguiu sexta-feira para o Rio o nosso director, sr. professor Altino Flores, a quem muitos amigos foram levar abraços de despedidas.

—(ooo)—

Pessimismo

Quando a mendicidade augmenta, isto é, quando os mendigos começam a tornar-se nos incommodos, sentimos a necessidade de crear asylos, onde sejam recolhidos, de modo que os tais asylos não se criam para remedio dos pobres, mas sim para commodidade dos ricos.

Se as mulheres soubessem que todos os homens são os mesmos, os casamentos acabavam. Se os homens soubessem que todas as mulheres são as mesmas, não haveria casos de bigamia.

Muitos homens não fazem mal a uma mosca, apenas por que não tem habilidade bastante para apanha-la.

—(ooo)—

Ha certas coisas das quais a mediocridade é insupportavel: a poesia, a musica, a pintura, o discurso publico.—*La Bruyère*

—(ooo)—

ENYGMATA LATINO

Ego sum principium mundi
Et finis seculorum,
Ego sum trinus et unus,
Et tamen non sum Deus.

Dicifração: a letra M.

UM FOLHETO DE HISTÓRIA

Continuando do nosso ultimo numero

Bem normal foi a evolução literaria de L. Caldeira, pelo menos até aqui. Manter-se-á elle no cultivo da história (catharinense)? E poderá, sem sair do Estado, explorar as diferentes epochas da história barriga-verde? Cremos que será difficil. Faltam-nos ricos archivos, pingues de documentos esclarecedores e fidedignos. O mais importante é o Conselho Municipal de Florianopolis e está entregue á silenciosa voracidade das traças.

A história que se apoia em hypotheses é anti-cientifica. A verdadeira história deve basear-se em factos reais e demonstrados; ora, como os melhores documentos historicos são os que dormem nos archivos, os quais, a luz da philologia, da ethnographia, da archeologia, da politica, da diplomatica, da numismatica, das finanças, etc., nos patenteiam todo o seu valor, conclue se que não se poderá nunca escrever uma história fiel e completa sem o oiro dessas minas.

Como não possuímos archivos que satisfaçam as buscas de quantos a elles recorrerem, pensamos que escrever história, aqui, será fatalmente, no dizer de Horacio, *veris falsa remiscere*. Em vista disso, historiar documentadamente a evolução do nosso commercio, desde os recuados tempos do sec. XVI, em que o europeu começa a permutar os seus artefactos com os productos indigenas, até os nossos dias de protestos de letras e falencias fraudulentas, — parece-nos um emprehendimento difficil, si não inexequível.

Mas, onde foi então L. Caldeira respigar elementos para o opusculo que acaba de publicar? Não se patenteiam ali factos e datas historicas? Acaso será ficção aquillo? Não. O reduzido material de que o autor do folheto se valeu foi, quase todo, colhido na conhecida obra de Lucas Boiteux (5). Si não fôra ocioso, aqui deixariamos a citação das paginas desse livro, nas quais se apoiam as asserções de L. Caldeira. A *Introdução á Hist. do Commercio Catharinense*

não é, portanto, um trabalho eminentemente original, nem sequer traduz esforço, tenacidade e análise, mas simples apanhado das referencias accidentalmente feitas por L. Boiteux, nas suas *Notas*, ao desenvolvimento do commercio da nossa terra. O folheto do L. Caldeira sai da obra de L. Boiteux como um fruto sai de um ramo viridente. Sim, não é uma árvore, mas o fruto de uma árvore frondosa — e alheia. *On voit la ficelle...*

L. Caldeira, achando de inestimavel preço a fonte em que tão frescas águas encontrára, não se afastou della quase nada. Realmente. Os seus assertos seguem tão de perto o dizer do illustrado mestre da nossa história que até chegam, uma que outra vez, a imitar-lhe submissamente o phraseado. Em certos lances essa imitação sobe tão de ponto que as phrases quase que se reduzem a simples transposição de termos e substituição de synonymos. São prova disso, entre outros, os seguintes retalhos:

«Organizou. Paes, as repartições civis, propôs á Metropole que a sede do governo permanecesse na ilha, que se colonizasse a Capitania e que se fortificasse o porto». (L. CALDEIRA, p. 24—24).

«Foi na gestão desse operoso Governador que se installaram as primeiras casas commerciaes do Deserto». (L. CALDEIRA, p. 29).

Tal foi a technica de que usou Laercio Caldeira. Deram por ella os que tão encomiasticamente se referiram ao seu folheto? Parece que não. Ou, si deram, por medo, escripto ou hypocrisia acharam melhor calar.

Esse procedimento, porém, nós nem louvamos nem seguimos.

O acabamento da «obra» de L. Caldeira não é perfeito e está longe de ser solido. Demonstra-lo-

emos com os reparos que se vão seguir.

a) A' pag. 14 diz elle: «Gonsalo Mendosa... procurou abastecer-se na Ilha para prover as forças espanholas que guerreavam no Prata...»

A' primeira vista, esse texto nos suggere a supposição de que Gosrlo tenha vindo *sponte sua*.

Mas não foi assim. Elle veio do Rio da Patra a mandado de seu tio D. Pedro de Mendosa, cavalleiro de Guadiz e da Casa Real. Pensamos que, em história, convém deixar tudo claro.

b) Em seguida L. Caldeira refere que os carijós da ilha auxiliaram, quanto puderam, aos espanhoes, nas plantações que estes regularmente faziam. E acrescenta: «Estava formado um nucleo commercial.. de valia extrema para os hispanicos, os audazes conquistadores do sul.

O que Lucas Boiteux diz, entra em pleno conflicto com isso. Si não, vejamos; «Gonsalo Mendosa, depois de carregados os navios, insensatamente obrigou a todos os espanhoes que se achavam na ilha a abandoná-la e seguirem nos seus navios para o Rio da Prata. Desse modo a incipiente povoação foi abandonada, ficando os espanhoes sem uma esplendida base de abastecimento». (6)

A contradicção é flagrante!

c) Alludindo á necessidade da ligação dos diversos nucleos de populações da Capitania, diz á pag. 23: «Procurou se um caminho por terra que facilitasse as transacções, e, em 1763, iniciaram se os trabalhos da abertura de uma estrada que ligaria Estreito a São Francisco».

Que diz L. Boiteux? Que «a carta régia á Camara da Laguna, de 24 de Outubro de 1736, enviada pelo ouvidor de Paranaguá, Manoel dos Santos Lobato, mandou abrir a estrada do litoral ligando S. Francisco á ilha de Santa Catharina» (7).

(5) *Notas para o Historia Catharinense*.

(6) L. Boiteux: *Notas para a Hist. Cath.*

(7) *Op. cit.*, p. 201.

Fragamento da historia da musica

A banda marcial em epocas remotas.

Como todas as coisas, a musica tambem tem evoluído, e bastante.

Os progressos que ha feito a sublime arte musical, e os aperfeiçoamentos que, desde o seculo XVI até o actual, tem elle recebido em todos os seus ramos, constitua, sem duvida, o mais evidente e categorico attestado da sua elevada posição entre as demais artes, bem como da importancia que geralmente merece e que effectivamente lhe cabe.

Sabido é que a musica renne em si um velho e poderoso agente de civilização e moralidade, por isso que é parte integrante e indispensavel na educação dos povos adiantados.

Mesmo na vida militar tem a musica representado sempre um papel importante, e com especialidade na epoca presente em que as bandas já são bem organizadas, dispondo de instrumentos mais estheticos e muito mais aperfeiçoados do que aquelles que usavam os antigos.

No seculo XVI, por exemplo,

uma banda militar compunha-se de trombetas, sacabuxas (primitivos trombones de vara), atabales (timbales), gaitas, clarões (clarius) e bategas (pratos).

Semelhante conjunto de instrumentos, alem de exquisito, devia ser, quando em execução, pouco homogêneo; pelo menos é o que nos dão a conhecer os seguintes versos de Jeronymo Corte Real, escriptos naquella era:

Supilamente são mil diversos
Instrumentos, que o campo, e monte, atroão.
Trombetas, sacabuxas, atabales,
Bategas sonoras, e as silvestres,
Rudes gaitas, tocadas juntamente,
Formam um som que os cabellos arrepiã.

Que se juntamente um espantoso
Som de rouscos clarões e sacabuxas,
Grande copia de bategas atroão,
Com lira consonancia, o campo e montes,
Infernal som fazendo, e estrondo horrível.

Com o correr dos annos tudo prosperou, e no começo do seculo XVIII as musicas militares de infantaria tinham charamelas, cornetas, clarins, trompas, fagotes, serpentões, pifanos e tambores. (1)

Sabe-se tambem que mais tarde

as charamelas foram substituidas por clarinetes e oboés.

Cerca de 1750 (metade do seculo XVIII), Rousseau, o notavel encyclopedista francez, entendeu de melhorar a musica militar, instrumentando, para isso, uma marcha que elle mesmo compoz e dividiu em dois periodos distinctos para serem executados, o primeiro pelos pifanos e tambores, e o segundo pela banda, que se compunha então de dois oboés, dois clarinettes duas trompas e um fagotte.

Mas Rousseau que, alem dos seus conhecimentos technicos musicais, dispanha de um ouvido fino e delicado, incapaz de tolerar um flautim, mesmo nas notas graves, poz no alto da sua partitura esta expressiva indicação: «Nada de flautins que nunca estão afinados.»

A. SOUZA

(1) A cavallaria, na phrase de um escriptor, trotava ou galopava ao som do trombetas e atabales.

É preciso distinguir. Uma coisa é mandar abrir uma estrada, outra iniciar os trabalhos de abertura... A carta régia que ordenava esse melhoramento é datada de 1736 (24 de outubro); mas os trabalhos da abertura tiveram inicio nesse mesmo anno? Ha documentos que o provem?

Historiar não é só narrar, mas esclarecer.

d) A' mesma pag. 28, escreve: «Em 1738, motivos de segurança pública levaram a Metropole a desmembrar Santa Catharina do governo de São Paulo constituindo governo á parte sob a administração do brigadeiro Silva Paes, que aqui chegou a 7 de março de 1739».

Que a ilha de Santa Catharina foi desmembrada da capitania de S. Paulo em 1739, ninguém o poderá contestar; mas que ella tenha constituido governo á parte, é falso. O Aviso expedido por D.

João V acerca desse desmembramento tem a data de 11 de agosto do referido anno, e diz: «... Fui servido por resolução do meu Conselho Ultramarino haver por bem separar desde logo desse Governo de S. Paulo, e unir ao do Rio de Janeiro a ilha de Santa Catharina e o Rio de S. Pedro».

Está mais que claro. A ilha de Santa Catharina deixou de depender de S. Paulo, mas passou a depender do Rio de Janeiro.

Aqui L. Caldeira não se confundiu: errou.

e) No mesmo periodo se lê que o «brigadeiro Silva Paes... aqui chegou a 7 de março de 1739».

Segundo L. Boiteux (8), sete de março de mil setecentos e trinta e nove é a data em que o brigadeiro «tomou posse militar do ilha de Santa Catharina e continente, na villa do Desterro».

Onde L. Caldeira diz chegada,

L. Boiteux fala em posse militar. A posse foi no mesmo dia da chegada? Como esclarecer isso?

A clareza é um dos requisitos da história, e eis por que insistimos nesse particular.

f) Falando a cerca do successor de D. José de Mello Manoel (p. 28), diz: «As hostilidades do sul, na Colonia ds Sacramento, levaram o novo governador Sousa Menezes a pôr em prática um recrutamento...»

Esse novo governador, que era fidalgo e tenente de cavallaria de Lisboa, chamava-se Francisco de Sousa de Menezes. Abreviando-lhe o nome, só poderíamos chamá-lo Sousa de Menezes.

g) A pedra philosophal de todas as armações que por aqui se estabeleceram na segunda metade do sec XVIII, para a pesca de baleias, eram o ambar gris e o es-

(8) Op. cit., p. 207.

Historia Catharinense

O BARBAÇAS

A 25 de Janeiro de 1760, no governo de d. José de Mello Manuel, notava-se desusado movimento no forte de Santa Cruz do Anhatomirim, á barra do norte do porto desta capital.

Um vaso de guerra dera fundo debaixo de suas baterias e delle desembarcára, assistido de um official, em visita á fortaleza, circumspecto e estranho personagem.

Após cumprimentos e apresentações, passou a percorrer o recinto da praça de guerra, trocando impressões e discorrendo sobre variados assumptos com o grupo de officiaes que o acompanhava.

Por ultimo foi levado pelo commandante da praça, Sargento-mór Pedro da Costa Marim, até o presidio, onde se alinhavam humidas e sombrias cellas. Voltando-se para o presumido visitante, disse-lhe o Sargento-mór, com affectada naturalidade:

— «Desembargador, si V. Exa. tivesse que mandar encarcerar aqui um perigoso prisioneiro d'Estado qual destas enxovias escolheria?»

O estranho individuo, que não era outro senão o Desembargador José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello, após demorada inspecção aos carceres, apontou, com malicia, o mais estreito e lugubre:

— «Este . . .»

permacete. A armação da Lagoinha, fundada em 1772, alimentava a ambição de os encontrar. E essa armação, diz L. Caldeira (p. 29) «só mais tarde conseguiu o seu intento».

Essa expressão «mais tarde» nós faz suppôr que decorreram muitos annos até que o desejado ambar e o suspirado espermacete fossem encontrados. Tal não aconteceu. Logo no anno seguinte (1773) a armação da Lagoinha realizava a sua «ambição commercial».

CONCLUIRA'

— «Muito bem, — continuou o commandante — está ás suas ordens . . . Tenha a bondade de recolher-se a elle por determinação de S. Exa. o Sr. Marquez de Pombal . . .»

O vaidoso magistrado empertigou-se, cheio de si, fixou o severamente por cima dos aros dos oculos fumados e o interpellou com enfado:

— «V. S., sr. Commandante, zomba de mim?! . . .»

— «Absolutamente, Exa . . . Apenas cumpro ordens . . .» — respondeu-lhe, calmo e severo, o Sargento mór.

— «Que significa isto, então? . . . Que ridicula farsa é esta? . . .»

— «Não é farsa, sr. Desembargador, é a pura realidade . . . Aqui estão as instrucções reservadas do sr. Marquez . . .»

José Mascarenhas abaixou a cabeça, os braços penderam desanimados e com as pernas tropegas e o rosto livido mergulhou na tragica masmorra. A porta ranguen nos emperrados gonzos, correram ferrolhos, tilintaram chaves, vozes se afastaram num plangente sussurro . . .

Fôra um dia azul ensouado e a cadencia do passo de um sentinella.

Qual o crime do prisioneiro d'Estado? — perguntar-me-ha o leitor curioso. Ainda não está bem averiguado. Dizem uns que, mandado á cidade do Porto devassar sobre um motim popular, erroneamente se excedera o Desembargador, mandando á força grande numero de aldeões.

Affirmam outros que, nomeado por Pombal em missão secreta ao Brasil para apurar irregularidades praticadas pelos jesuítas, collocara-se ao lado desses inimigos fidaes do Marquez e por isso era castigado.

O caso é que delle dizia, em officio, o marquez de Lavradio: « . . . he homem de tão ferinas entradas que ainda hoje estão os po-

vos clamando contra elle . . .»

Viven o prisioneiro enclausurado até que assumiu o governo da Capitania o Tenente de cavallaria Francisco de Sousa Menezes, official de muitas tretas mas de poucas letras. Visitando o prisioneiro fez com elle boa amizade e para aproveitar-se do seu saber e experiencia deu-lhe por menagem o recinto da praça forte.

Diz a tradição que, diariamente, ao cahir da noite, partia da capital para a fortaleza, onde se encontravam dous escreventes destacados por Sousa Menezes, um se calar com o expediente do governo, voltando com as minutas e despachos, preparados pelo prisioneiro, na madrugada seguinte. Diziam tambem que o desembargador Mascarenhas se gabava de ter durante sete annos governado a Capitania.

Procurando attenuar de certo modo a vida horrivel que levava, estabeleceu uma aula de primeiras letras, frequentada com grande proveito pela guarnição da ilha e crianças das cercanias

Em 1770 o Vice-rei extranhava ao Governador a liberdade em que vivia o prisioneiro d'Estado, que foi recolhido á fortaleza da ilha das Cobras, no Rio, dois annos após. Consta que em 177 Sobteve a liberdade, longamente almejada.

Devido a nunca mais se ter barbeado, durante sua reclusão, era conhecido entre a guarnição da fortaleza pelo appellido que serve de epigraphe a esta desataviada noticia.

LUCAS A. BOITEUX

Fpolis, 27—XI—920.

D. Prudencia (com orgulho):
Tenho gasto immenso dinheiro com a voz da nossa Clarinha.

A visita (compungida):
E não tem conseguido melhora? . . .